

DA GALERA DO CAPRICHOSO AOS GIGANTES DO MORRO: NOTAS SOBRE RIVALIDADE E SOCIABILIDADE NAS TORCIDAS ORGANIZADAS DO CARNAVAL DE MANAUS E FESTIVAL DE PARINTINS NO AMAZONAS

FROM THE TWISTED "BOI CAPRICHOSO" TO THE "GIGANTES DO MORRO": NOTES ON RIVALITY AND SOCIABILITY IN THE ORGANIZED CROWD OF THE CARNIVAL OF MANAUS AND THE PARINTINS FESTIVAL AT AMAZONAS

Ricardo José de Oliveira Barbieri¹

Endereço Profissional: Rua São Francisco Xavier, 524 11º andar bloco E

Maracanã 20550-010 Rio de Janeiro RJ

E-mail: delezcluze@gmail.com

Resumo: Das arquibancadas de arenas festivas como o sambódromo de Manaus (AM) e o bumbódromo de Parintins (AM) exploraremos o universo de torcidas organizadas da chamada Galera do Boi Bumbá Caprichoso e da escola de samba Reino Unido da Liberdade. Primeiro traremos o material etnográfico coletado em pesquisa junto a galera do Boi Caprichoso, em junho de 2010. Posteriormente, nos debruçaremos sobre material coletado junto à torcida organizada Gigantes do Morro, no carnaval de 2015. Finalmente, analisaremos o material apontando para compreender as rivalidades por meio da sociabilidade entre as duas agremiações amazônicas e suas respectivas torcidas e possíveis desdobramentos para futuras reflexões sobre questões envolvendo torcidas organizadas em competições festivas.

Palavras – chave: Torcidas Organizadas, Carnaval, Festival Folclórico.

Abstract: From the stands of festive arenas such as the sambódromo de Manaus (AM) and the bumbódromo of Parintins (AM) we will explore the universe of organized supporters of the so-called Galera do Boi Bumbá Caprichoso and the Reino Unido da Liberdade samba school. First, we will bring the ethnographic material collected in research with the Boi Caprichoso crowd in June 2010. Later we will look at material collected from the organized crowd Gigantes do Morro at the 2015 carnival. Finally we will analyze the material aiming to understand the rivalries through sociability between the two Amazonian associations and their respective fans and possible developments for future reflections on issues involving fans organized in festive competitions.

Keywords: Organized Fans, Carnival, Folk Festival.

¹ Doutor em Antropologia Cultural com a tese "Manaus: a cidade e suas escolas de samba" concluída em 2016 no Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Autor do livro "A Acadêmicos do Dendê quer brilhar na Sapucaí" (2012), um desdobramento das pesquisas para dissertação de mestrado apresentada em 2008 com o título "Conflito e sociabilidade em uma pequena escola de samba do Rio de Janeiro". Leciona no Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro onde também é colaborador do Centro de Referência do Carnaval. Tem experiência na área de Antropologia, com ênfase em cultura popular, atuando principalmente nos seguintes temas: carnaval, antropologia urbana, rituais e festas, escolas de samba e desfile das escolas de samba.

Introdução

Uma torcida se prepara e se apresenta com uma performance hipnotizante. Pensamos aqui a performance como irrupção de significados restaurados, a partir da teoria simbólica de Victor Turner em diálogo com Richard Schechner. Ambos os autores acabam por retroalimentar as teorias da performance. Assim, tomando as ideias de Schechner sobre “comportamento restaurado”, a teoria de análise simbólica de Turner ² ganha vida, a partir da experiência, o que para o próprio autor significa: “Aprendi com ele que toda performance é comportamento estruturado, que o fogo do significado irrompe da fricção entre das madeiras duras e suaves do passado (...) e presente da experiência social e individual.” ³

Buscando “lançar luz sobre a análise social”, a teoria da performance serve a análise simbólica. Ambas, quando combinadas, proporcionam a reflexão sobre processos sociais performatizados, ainda que dirimidas algumas questões intrínsecas a essa teoria. Foi o próprio Schechner quem propôs considerar “qualquer ação humana, ou produto dessa ação, a partir do enquadramento, ou frame, da performance”. As performances, bem como os símbolos, são coisas boas para pensar e “fazer pensar”⁴.

Aqui não trataremos daquelas que nas arquibancadas esportivas nos acostumamos a nos encantar com seus espetáculos promovidos na entrada dos times. Aqui são arquibancadas de arenas festivas do norte do Brasil. Mais especificamente do estado do Amazonas no carnaval da capital Manaus e no festival folclórico dos bois bumbás de Parintins.

São os Gigantes do Morro ocupando a arquibancada G do Sambódromo de Manaus, o maior do Brasil em capacidade de público. São 15 mil apenas naquela arquibancada. Os Gigantes acompanharam todos os oito desfiles anteriores em silêncio, inclusive da escola considerada a maior rival no carnaval de 2015 e que antecedeu a apresentação da Reino Unido da Liberdade. Basta o puxador soltar o grito de guerra incluindo o bordão tradicional da escola do Morro da Liberdade: “Reino Unido da Liberdade, aqui mora o espírito imortal da resistência do samba!” Pronto, as bandeiras verdes e brancas se desfraldam. São mais de três mil tremulando e dentre elas seis maiores, os chamados bandeirões, tremulam mais

² TURNER, Victor. Foreword. In: SCHECHNER, Richard. *Between theater and anthropology*. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1985, p. xi-xii.

³ Op.cit. p.XI

⁴ SCHECHNER, Richard. Pontos de contato entre o pensamento antropológico e teatral. *Cadernos de Campo*. São Paulo, n. 20, p. 213-236, jan-dez. 2011.

lentamente permitindo que vejamos uma grande coroa ladeada por “Gigantes do Morro”. Alguns minutos depois, quando a bateria da escola de samba passa em frente a arquibancada o cenário ganha fumaças nas cores da agremiação do Morro, bem como sinalizadores que piscam como pulsando com a bateria. Os componentes na pista se contagiam, se emocionam e cantam forte o samba de enredo do Reino Unido da Liberdade.

Retrocedamos para junho de 2010. Muitos dos manauaras desembarcaram na Ilha Tupinambarana onde os Bois Caprichoso e Garantido se enfrentam em rivalidade internacionalmente conhecida. De um lado predomina o azul e do outro o vermelho. Duas massas humanas performam durante as duas horas e meia de apresentação de forma competitiva. É uma competição dentro da competição: ao final dos três dias de apresentação serão anunciados não apenas o Boi Bumbá campeão do festival como também a melhor galera. Um troféu especial é confeccionado pela organização da competição para a massa humana que performou de forma mais contagiante nos três dias. A participação do brincante na galera, exige vigor físico, coordenação e organização. Para controlar a rivalidade acirrada o regulamento exige silêncio absoluto da galera rival. A fiscalização é exercida por núcleos dentro da galera, as chamadas torcidas.

Muito se fala sobre os circuitos e redes de sociabilidade festiva entre as inúmeras festas amazônicas. O que une essa tessitura aparece no Dossiê de Patrimonialização do Complexo Cultural do Boi-Bumbá do Médio Amazonas e Parintins.⁵ Um dos intentos deste ensaio é conectar esta rede apresentada nos festivais amazônicos ao carnaval de uma das capitais da Amazônia brasileira. Assim, apresentamos dois casos equidistantes no estado do Amazonas quais sejam o Festival Folclórico de Parintins e o desfile das escolas de samba em Manaus.

Uma possibilidade passa por pensarmos as formas de sociabilidade ali desenvolvidas. O papel que a rivalidade se exerce entre os participantes também pode nos iluminar. Bem como as formas de associação. Estas últimas que se dão entre os núcleos organizativos das suas assim chamadas torcidas organizadas.

Este trabalho apresentará inicialmente o material etnográfico coletado em observação participante realizado por conta de pesquisas realizadas junto a galera do Boi Caprichoso em 2010 e às escolas de samba na cidade de Manaus entre 2012 e 2016. Para tais pesquisas utilizei o mesmo método de observação participante⁶ decorrente de vasta tradição

⁵ INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Dossiê Final Processo de Instrução Técnica do Inventário de Reconhecimento do Complexo Cultural do Boi-Bumbá do Médio Amazonas e Parintins*. Brasília: Universidade de Brasília, 2018

⁶ FOOTE-WHYTHE, William. *Sociedade de esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores. 2005.

antropológica⁷ com a particularidade do campo relacionado ao meio urbano⁸. Neste material pontuaremos como a mobilização dentro dos grupos acontece e o papel que a rivalidade desempenha nestes dois casos. Logo a seguir articularemos uma reflexão sobre os dois casos. *Galera do Boi Caprichoso e suas torcidas no Festival Folclórico de Parintins (AM)*

O Festival Folclórico de Parintins pode ser observado sob diversos aspectos dada a multiplicidade de planos simbólicos que orientam a festa. Um dos principais mecanismos de articulação desses planos simbólicos são as pessoas que se movimentam e incentivam seus bois em performances coreografadas nas arquibancadas. A chamada “galera” dos bois é importantíssima no julgamento do festival.

Devemos retornar ao processo histórico que desemboca neste momento já localizado no ano de 2010 dentro do contexto do Festival Folclórico de Parintins. Cumpre-nos também uma caracterização rápida das agremiações e da competição emulada no festival. Reconhecido internacionalmente por aglutinar as agremiações folclóricas Boi Bumbá Caprichoso e Boi Bumbá Garantido, o festival adquiriu dimensões espetaculares onde alegorias gigantes são o cenário da brincadeira de milhares de componentes. Acompanhando essa dimensão ampliada, o lado comercial da festa perseguiu a movimentação turística que torna a festa uma das principais atividades econômicas da cidade de Parintins, no Estado do Amazonas. A cidade localizada a 369 km da capital do estado, Manaus. Capital esta de relação ampliada com a cidade de Parintins justamente pela realização do festival. O fluxo entre as cidades de Manaus e Parintins é intenso e chega a dobrar a população da cidade interiorana banhada pelo Rio Amazonas. Inclusive, incrustada em um complexo lacustre fluvial e cortada por outros rios e igarapés que formam diversas ilhas fluviais componentes dos limites municipais, sendo a principal destas ilhas a conhecida como Tupinambarana, onde se localiza a mancha urbana de Parintins.

O Festival Folclórico de Parintins remonta ao ano de 1965, quando um grupo ligado à Juventude Alegre Católica (JAC) organizou um festival aglutinando grupos locais que participavam dos festejos juninos. Os bois foram convidados a participar de tal festival no ano seguinte, em 1966. A competição entre os bois bumbás ganhou proeminência dentre as demais manifestações rapidamente com a prefeitura assumindo sua organização e promoção no ano de 1975. A competição adquiriu tal robustez que o festival antes realizado em tablados montados no estádio de futebol Tupy Catanhêde, ganhou no ano de 1988 uma

⁷ VELHO, Gilberto. *Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana*. KUSCHNIR; Karina, VIANNA, Hermano & CASTRO, Celso (orgs.). Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

⁸ HANNERZ, Ulf. *Exploring the city: Inquires toward an urban anthropology*. New York: Columbia University Press. 1980.

arena para as apresentações, o chamado Bumbódromo. Sendo o festival localizado institucionalmente na historiografia, a partir da fundação das agremiações, o que é divergente e estas mesmas adotaram mitos de origem na ausência de registros históricos oficiais onde ambos, Caprichoso e Garantido, remontam ao ano de 1913⁹.

Atualmente são vinte e um os itens em julgamento na competição do Festival Folclórico de Parintins. Um dos mais disputados é o de melhor “galera”, considerado inclusive relevante a ponto de todos os anos os principais veículos de mídia envolvidos na cobertura do Festival ressaltarem o vencedor do item na planilha após a apuração das notas.

O julgamento em cada noite é efetuado por dez jurados que julgam dentro da sua especificidade estas por sua vez divididas em três blocos: musical, artístico e cênico/coreográfico. A nota mínima de cada item é 8,5(oito e meio) e a máxima é 10 (dez), podendo ser fracionada na forma decimal, que devem ser lançadas na folha de votação, numericamente e por extenso. Sobre o item “Galera” o “Anexo IV” do regulamento do Festival Folclórico estabelece os seguintes critérios a serem considerados pelos jurados na votação:

DEFINIÇÃO: Elemento de apoio do espetáculo, estímulo de apresentação, massa humana que forma uma das maiores coreografias uníssonas do mundo.

MÉRITOS: Alegria, energia contagiante, sincronia, garra, evolução e empolgação.

ELEMENTOS COMPARATIVOS: Animação, alegria, calor humano, participação e sincronia.¹⁰

Uma das principais características desse item são as polêmicas e paixões despertadas em torno dele. Por seu julgamento extremamente subjetivo e pela passionalidade representada neste item é objeto de contestação de muitos torcedores. Simultaneamente é elemento de distinção do festival por denotar seu caráter participativo.

O termo “galera” é importado das “galeras funk” cariocas¹¹. O tipo de sociabilidade característico das “galeras” dos bois de Parintins difere em muito do mundo funk carioca. A começar por seu tipo de organização que remetem também as das torcidas organizadas de

⁹ DAGNAISSER; Dayane Cristine Pires. *Para Além Do Espetáculo: Folclore E Patrimônio Nos Bois-bumbás De Parintins-AM*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade do Estado do Amazonas. Manaus, 2018

¹⁰ Regulamento do 53º Festival Folclórico de Parintins 2019 - Regulamento do concurso de bumbas.

¹¹ Cechetto, Fátima. *As galeras funk cariocas: entre o lúdico e o violento*. In: VIANA, Hermano (org.) *Galeras Cariocas: Territórios De Conflitos E Encontros Culturais*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

futebol. Assim como as torcidas organizadas, as galeras de Parintins são “organizações heterogêneas agregando indivíduos com diferenças de idade, classe social, profissão e visão de mundo”¹². Essas organizações têm, entretanto, uma maior identificação com jovens entre 13 e 25 anos que compõem a maior parte delas.

No festival de 2010, no mês de junho daquele ano, acompanhei de perto e pude etnografar a preparação de uma das galeras para o festival de Parintins¹³. Desde minha chegada ficou claro que o pertencimento declarado a um dos bois seria valorizado e me faria ser senão respeitado, ao menos aceito por seus membros. Em um ambiente de tensa rivalidade aquele que não opta por algum dos bois é visto com desconfiança. As acusações recaíam sobre figuras públicas como o secretário estadual de cultura à época, um dos torcedores do Caprichoso me confessou que não confiava nele pois “nunca assumiu sua torcida por um dos bois”. Sendo assim já na minha chegada e nos primeiros contatos frisava minha preferência por um dos bois, no caso o Boi Caprichoso identificado pelos dísticos azul e corporificado no artefato de um touro negro com a estrela na testa. Minha opção por etnografar o grupo ligado ao Boi Caprichoso se deu pela identificação e proximidade ao Caprichoso. Por um lado, as razões sentimentais já me conduziam ao Boi Caprichoso, como torcedor azul mesmo acompanhando o festival à distância, a rede de contatos pré-estabelecida entre os brincantes do Caprichoso mostrou-se bem sucedida, o que apenas ratificou minha opção sentimental. Haveria porém o risco de durante o festival, acompanhando as apresentações in loco, minha reconversão ocorrer. Um risco sempre frisado pelos participantes do festival na frase “na hora da apresentação, quando você sentir a emoção, é que vai escolher o boi que torce de verdade”. Assim, a presença no festival marcava também uma espécie de rito de passagem que me confirmaria como torcedor do Boi Caprichoso.

Boa parte do pertencimento é articulado pela rivalidade expressa em pertencimentos simbólicos. A celebração da rivalidade já foi demarcada por Andreas Valentim como dos traços mais marcantes dos bumbás de Parintins¹⁴. Já a antropóloga Maria Laura Cavalcanti acrescenta ainda “a celebração das afeições, pois os sentimentos de antipatia, animosidade e mesmo de hostilidade devotados ao Boi contrário associam-se inextricavelmente ao

¹²CÂMARA, Rosana da. “Torcidas jovens: paixão, amizade e aventura”. In:ALVIM, Rosilene; GOUVEIA, Patricia (orgs.). Juventude nos anos 90. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

¹³ BARBIERI, Ricardo José. “Etnografia da galera do Caprichoso: simbolismo e sociabilidade entre jovens no festival de Parintins. Textos escolhidos de cultura e arte populares, Rio de Janeiro, v.10, n.1, p. 63-80, mai. 2013.

¹⁴ VALENTIN, Andreas. *Contrários: a celebração da rivalidade em Parintins*. Manaus: Valer, 2005.

grande carinho, amor e mesmo devoção ao próprio Boi”¹⁵. Ainda neste estudo Cavalcanti elabora uma exegese acionada pela performance do chamado “boi artefato”, o boneco que dança simulando um boi movimentado por uma pessoa ao qual vemos apenas as pernas chamado “tripa do boi”:

Esse boi bailante é o objeto-foco de intensa transposição afetiva e a exegese nativa nos diz que uma pessoa sabe realmente qual é o seu Boi quando se comove intimamente com a dança de um deles: O boi cujo corpo preto traz na testa uma estrela azul, as cores da agremiação Boi Caprichoso, num binarismo em que azul é o marcado e preto, o não marcado. O boi de corpo branco que traz na testa um coração vermelho, as cores da agremiação Boi Garantido, num binarismo em que vermelho é o termo marcado e branco, o não marcado. A partir do que se produz de modo recorrente entre os brincantes a seguinte cadeia de associações: Caprichoso = azul + preto + estrela na testa = intelecto = frio = pessoas frias, sensatas, compreensivas; ou ainda Garantido = vermelho + branco + coração na testa = passionalidade = quente = pessoas quentes, passionais e expansivas.¹⁶

Nos dias que antecedem o festival são inúmeras as ocasiões em que a rivalidade é encenada e igualmente a demonstração deste pertencimento são várias. Não apenas no uso das cores do seu boi como por brincadeiras com críticas ou caricaturas direcionadas a algum ao boi adversário assim chamado de “contrário” visto que nem mesmo pode ser nomeado. Há uma série de interdições semânticas. O uso dos radicais “garantir” e “caprichar” são evitados a partir do seu local de pertença. O torcedor do Caprichoso é cauteloso na construção das orações substituindo o verbo que referencia o contrário por “assegurar”. Uma exegese que é transposta para a cadeia de associações descrita anteriormente. Uma das torcedoras do boi Caprichoso declarou para Maria Laura Cavalcanti que a galera do Boi Garantido *“não se importa em dançar e cantar independentemente de o seu boi estar bom ou não. Depois dizem que a gente é fraco! Mas não é não. Somos apaixonados. O Caprichoso é exigente, perfeccionista, quer fazer o melhor. Isso é que é amor! A nossa galera, por isso, é um termômetro da qualidade do nosso boi!”*¹⁷

Na pesquisa realizada junto à galera em 2010 presenciei uma situação que explicitava esta rivalidade. Aconteceu durante um jantar no centro da cidade. O grupo de torcedores do Caprichoso que acompanhava ficou incomodado com um carro de torcedores do Boi

¹⁵ CAVALCANTI, Maria Laura. O ritual e a brincadeira: rivalidade e afeição no bumbá de Parintins, Amazonas. In: *Mana*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 9-38, Abril de 2018. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010493132018000100009&lng=en&nrm=iso.

¹⁶ CAVALCANTI, Maria Laura. O ritual e a brincadeira: rivalidade e afeição no bumbá de Parintins, Amazonas. op.cit., p.17.

¹⁷ CAVALCANTI, Maria Laura. O ritual e a brincadeira: rivalidade e afeição no bumbá de Parintins, Amazonas. Op.cit., p.18.

Garantido que estacionou ao lado do restaurante. O carro, um bugre, tinha um enorme boi de feições estilizadas fazendo referência a uma melancia. Na disputa de 2010 o Caprichoso passou a ser acusado pelo Garantido inclusive em uma das toadas – o gênero musical que embala as apresentações dos bois - do seu álbum oficial de ser o “Boi Melancia”, vermelho por dentro. Isto pois, segundo os adeptos do Garantido vez por outra o Caprichoso contrata um artista revelado pelo Garantido e o ápice desta acusação foi a contratação do levantador de toadas David Assayag pelo Caprichoso. O carro chegou fazendo estardalhaço ao ver a mesa de torcedores do Caprichoso e parou próximo de maneira provocativa. O dono do bar parecia se divertir com a brincadeira e consequente irritação dos azuis, fez pouco caso quando um deles pediu que ele fizesse alguma coisa. “Não posso fazer nada” disse o dono do bar sorrindo. Foi a senha para que todos pagassem a conta e se levantassem irritados, não sem antes ouvir provocações de dois homens com aparentes 30 anos, fantasiados, e que encenavam uma entrevista com David Assayag (um deles, usava óculos escuros como o usado por este já que é deficiente visual) onde o mesmo declarava ser um “mercenário safado e que era traíra mesmo”. Ao fundo o alto-falante do bugre tocava toadas do Garantido na voz de David Assayag. O único que não parecia estar incomodado e se divertia com aquilo tudo era Alessandro, um dos torcedores do Caprichoso, que até mesmo pediu que os dois posassem para uma foto em frente ao carro. Alessandro me disse que para ele “aquilo faz parte da brincadeira, mas os depois vou fazer umas coisinhas com essa foto”. As provocações via internet já faziam parte do repertório dentre os torcedores já naquele ano de 2010. Naquele momento a rede social que circulavam era o extinto Orkut.

Dentre os torcedores do Caprichoso que ocupam a arquibancada gratuita destinada aos torcedores que participam durante o festival buscando a nota dez no item Galera havia uma divisão que explicita sua heterogeneidade¹⁸. A galera do Caprichoso estava dividida em 3 facções no ano de 2010: As torcidas organizadas FAB (Força Azul e Branca) e Raça Azul; e os membros da comunidade do Orkut do Boi Caprichoso. A comunidade do Orkut chamava atenção, no entanto, pelo papel importante que desempenha reconhecidamente com participação ativa de boa parte de seus membros. Boa parte desses que assistem e marcam presença no festival se dividem com funções na arena, na FAB ou nenhum dos dois. Um intrincado sistema de conflitos explica a formação e organização de cada uma das três facções. Quem me explicou um pouco da formação desse sistema complexo foi o torcedor Rafael, jovem de 23 anos ligado à comunidade do Caprichoso no Orkut e que revelou “nunca ter feito parte de nenhuma das facções”:

¹⁸ A galera do Boi Garantido tem composição mais homogênea neste sentido. A única torcida organizada que compõe a galera vermelha e branca é o Comando Garantido.

A FAB é a maior e mais organizada atualmente mas surgiu de uma dissidência da FBI (Força Bravura e Independência). A briga lá aconteceu porque a FBI era comandada ditatorialmente. Na nova administração do Caprichoso o presidente Carmona tentou unificar as duas na Raça Azul. A FBI perdeu força e acabou, mas a FAB apesar de ter se juntado na Raça Azul continuou existindo como FAB. Nesse ano as duas estarão separadas.¹⁹

Atualmente outras frentes de pertencimento poderiam ter sido abertas no vácuo da extinta rede social Orkut. No entanto, apenas as duas assim denominadas “torcidas organizadas” permanecem ativas e atuantes como centros organizadores da festa nas arquibancadas. Fundada em 1997, portanto a mais antiga, a FAB tem seus torcedores cadastrados e núcleos nas cidades de Manaus, Parintins, Terra Santa, Itacoatiara, Maués, Barreirinha e Rio de Janeiro (o único núcleo fora do estado do Amazonas). A Raça Azul, fundada em 2006, por outro lado tem núcleos em Parintins, Santarém (no estado do Pará) e Manaus.

As facções organizadas da galera são os centros irradiadores de todos os movimentos deste item durante as apresentações do Boi. Eles comandam desde as coreografias através de quatro membros distribuídos em dois pequenos palanques na parte de baixo da arquibancada; até a confecção e distribuição de adereços no público durante as apresentações.

O núcleo manauara da FAB, por exemplo, aluga todos os anos uma casa em Parintins durante a semana do festival onde ficam hospedados mais quarenta jovens cadastrados na FAB-Manaus. A presidente desse núcleo, no ano de 2010, era Fátima, mãe de um dos coreógrafos da galera e importante contato em nossa pesquisa, o Gean. Ela nos explicou que um grupo de adultos dirige e coordena a torcida formada, entretanto, em sua maior parte por jovens. Essa direção que ressalta um aspecto bem familiar de organização se reflete, por exemplo, na presidência da FAB então ocupada por Hyleandro de 42 anos²⁰. A casa era movimentada e identificada com a bandeira do núcleo pendurada no muro frontal. Lá dentro uns dez cômodos abrigam os hóspedes distribuídos em redes, colchonetes, barracas e sacos de dormir. A comida é preparada por dona Fátima e mais alguns pais e responsáveis dos jovens hospedados na casa. A cozinha bastante organizada era espaçosa o suficiente para acomodar a preparação de grandes quantidades.

¹⁹ Depoimento de Rafael, membro da comunidade do Caprichoso no Orkut – 21 de junho de 2010

²⁰ A direção da FAB chegou à presidência do Boi Caprichoso em 2016 com a eleição de José Tupinambá Ribeiro Pontes, o Babá Tupinambá que ocupou o cargo até 2019.

É esse núcleo formador das duas torcidas organizadas, majoritariamente são jovens entre 16 e 25 anos, dirigidos por alguns poucos mais velhos, que prepara e idealiza a festa apresentada na arena. Dois dias antes das apresentações são organizados mutirões no galpão de confecção das alegorias e no curral de ensaios do Boi Caprichoso que embalam os kits com adereços distribuídos entre os ocupantes das arquibancadas nas três noites de apresentação. São leques, camisas, bandanas, bastões e outros objetos que formam mosaicos e desempenham um papel fundamental nas apresentações. Além disso, as coreografias são combinadas e elaboradas por membros das torcidas.

No dia das apresentações, além dos dirigentes das organizadas, alguns jovens membros circulam por um setor da arquibancada com capacidade para três mil pessoas que têm entrada gratuita orientando sobre os detalhes da noite. Usam megafones e são identificados com crachás. Como também fazem a distribuição dos kits com adereços usados durante a apresentação do Boi, não precisam passar pela fila formada desde as oito horas da manhã para entrada na arquibancada. Os que não desempenham nenhuma função organizativa, mas são membros das torcidas organizadas, por outro lado, enfrentam a fila até a abertura dos portões que acontece às 16 horas. Geralmente, na fila da galera, os membros estão identificados com as camisas de suas respectivas torcidas. Formam blocos visto que assim se posicionam também na arquibancada.

Muitas das vezes precisam aguardar debaixo de sol forte a passagem de som do contrário e do Boi caprichoso. Na passagem de som as provocações são abertas e respondidas de forma imediata pela galera contrária. Como as passagens de som acontecem em torno de uma hora após a abertura dos portões, constitui-se em evento único preparatório para cada uma das três noites. O apresentador do Boi aproveita para reforçar movimentos e as respostas da galera a cada um dos atos da apresentação. Encerradas as passagens de som, por volta das 18 horas, uma longa espera até às 22 horas quando começam as apresentações. E ainda há o detalhe sobre a ordem de apresentação sorteada a cada ano a poucos dias do festival. Sendo o último a se apresentar naquela noite, a galera do Boi Caprichoso precisa aguardar em silêncio absoluto as duas horas e meia de apresentação do boi contrário. Depois não apenas pode como deve cantar, pular e dançar. Exercendo o protagonismo enquanto massa humana na disputa de mais um festival.

Durante o ano estes grupos ainda organizam eventos para arrecadação de parte do dinheiro utilizado na festa da arquibancada. Eventos estes que ainda reforçam os laços de pertencimento ao grupo como ocorrem nas torcidas organizadas de futebol e em um fenômeno contemporâneo, também nas torcidas organizadas das escolas de samba.

A torcida Gigantes do Morro, a escola de samba Reino Unido da Liberdade e o carnaval de Manaus (AM)

Eu sou o seguinte. Eu faço a torcida e vou te contar porquê. Eu faço a torcida porque quero viver o momento. Então como eles não me proporcionam, eu me proporciono. Vamos supor que tu gosta de uma coisa e tu vê aquilo que te emociona, tu não vai criar?²¹

Em Manaus o sambódromo foi espontaneamente setorizado pelos espectadores conforme a torcida de cada uma das grandes escolas nos dias de desfiles²². Durante os desfiles, mesmo sem constituir-se em quesito, as torcidas de cada escola fazem uma competição paralela e não oficial – diferente do que vimos no Festival de Parintins – disputando quem promove a festa mais bonita e agrega o maior número de adeptos. Uma das poucas organizadas é a “Torcida Organizada Gigantes do Morro”. Aqui relato a pesquisa etnográfica realizada entre os carnavais 2012 e 2015 em Manaus (AM).

Durante os desfiles, nos ensaios da escola e de forma muito ativa nas redes sociais da internet, os Gigantes do Morro associam-se ao Grêmio Recreativo e Escola de Samba Reino Unido da Liberdade. A escola de samba, fundada em 1981 tornou-se conhecida na cidade no final da década de 1980, mais exatamente em 1989 quando conquistou seu primeiro título no carnaval de Manaus²³. A seguir viriam mais 12 títulos totalizando seus atuais 13 títulos que a credenciam entre as maiores vencedoras do carnaval de Manaus ao lado da Mocidade Independente de Aparecida (com 22 campeonatos) e Vitória Régia (com 11 títulos). Também marcante para a escola de samba é o “Pagode da resistência”, uma roda de samba realizada em frente à sede que reúne sambista de toda a cidade aos sábados. Encravada em um bairro pobre e estigmatizado da Zona Sul de Manaus, a escola de samba passou assim a ser importante espaço cultural e de produção identitária deste bairro.

A torcida organizada é outra forma de distinção da escola de Samba Reino Unido frente às demais, são os Gigantes do Morro. Fundada em 1985 por Célia Colares, aposentada de 72 anos de idade e moradora do Morro da Liberdade, a torcida hoje passa dos seus 30 anos de existência. Baseada na vivacidade de sua fundadora e seus fiéis escudeiros, o núcleo

²¹ Célia Colares, fundadora da Torcida Gigantes do Morro – entrevista em 25/01/2015

²² Apesar da espontânea setorização, não são todas as escolas de samba que contam com núcleos organizados nas arquibancadas do sambódromo manauara. Atualmente apenas a Reino Unido da Liberdade e a Mocidade Independente de Aparecida (Império Soberano) contam com uma torcida organizando as festas nas arquibancadas e reconhecida institucionalmente pela escola de samba.

²³ Com o enredo “Mãe Zulmira, o amanhecer de uma raça” desenvolvido pelo carnavalesco carioca Shangai. O samba de autoria de Gilson e Almeron foi gravado pelo puxador Grilo.

duro da torcida é formado por cerca de quinze organizadores de diferentes partes da cidade. Sua composição, entretanto, é na maior parte de moradores do Morro. Os quinze organizadores são jovens na faixa dos 20 a 30 anos, todos mobilizados pela neta de Célia, a designer Bruna Colares de 23 anos.

Estes jovens movimentam o grosso das atividades da torcida. E quais seriam estas atividades? As principais envolvem a preservação e valorização do nome da Reino Unido da Liberdade, “onde a escola estiver a Gigantes estará”. Isso envolve a conservação de bandeiras e faixas nos moldes das torcidas organizadas de futebol, agitadas a qualquer momento de celebração da escola. São ensaios, feijoadas, pagodes, mas todo este aparato é mobilizado para o objetivo final: a arquibancada G do sambódromo no desfile da Reino Unido da Liberdade. Neste dia são mobilizadas não apenas as bandeiras maiores de quatro metros de altura. Para o dia do desfile, Célia, Bruna e seus quinze escudeiros preparam mais de quinze mil bandeirolas verde e brancas; balões de festa nas mesmas cores; fogos de artifício; fumaça e faixas plásticas nas cores da agremiação.

Alguns supõem que esse movimento tenha sido iniciado pelas escolas de samba cariocas com suas torcidas²⁴. Em meados dos anos 2000, as escolas de samba cariocas começaram a ganhar também suas torcidas organizadas. A busca das escolas em organizarem torcidas inspiradas nas torcidas organizadas dos times de futebol, dataria, segundo alguns, dos anos 1980 quando foram registradas imagens da Unilha, uma torcida organizada que levava bandeiras azuis, vermelhas e brancas para prestigiar o desfile da União da Ilha do Governador no carnaval da cidade. Tal fato, entretanto, tem sido contestado por membros das atuais torcidas organizadas das escolas de samba, justamente por prezarem como prova de verdade aspectos institucionais como a ata de fundação. Sob esse ponto de vista, o primeiro registro de uma torcida organizada de escola de samba no Rio de Janeiro, seria a dos Guerreiros da Águia, da Portela, que com as bandeiras semelhantes as organizadas de futebol prestigiavam a passagem das escolas de samba em ensaios no Sambódromo ou no desfile festivo²⁵. Essas torcidas das escolas de samba no Rio de Janeiro, organizam eventos, mobilizam recursos para o carnaval, cuidam de sua memória e da de sua escola de filiação e participam ativamente da política interna da

²⁴ Até o momento em que está pesquisa foi encerrada, ou seja em 2016, cataloguei as seguintes torcidas ligadas a escolas de samba em atividade no Rio de Janeiro: Raiz Mangueirense e Nação Verde e Rosa (Estação Primeira de Mangueira); Nação Leopoldinense (Imperatriz Leopoldinense); Independentes da Mocidade (Mocidade Independente de Padre Miguel); Nação Salgueirense (Acadêmicos do Salgueiro); Cobras da Caprichosos (Caprichosos de Pilares); Leões da Estácio (Estácio de Sá); Família Tijuca (Unidos da Tijuca); Devotos da Coroa (Império Serrano); La Pandilla Clementiana (São Clemente); Amigos da Águia, Porteleamor e Guerreiros da Águia (Portela).

²⁵ PIMENTA, Carlos Alberto; SILVA, Geraldo Camilo. Reflexão sobre as torcidas organizadas no samba e a espetacularização do carnaval carioca. *Sociedade e Cultura*. Goiânia, v.22, n.1, p.318-337, jan/jun. 2019.

agremiação²⁶. Trabalhando com a reconstrução do passado da Portela através de grupos informais organizados dentro da agremiação através da internet, Ronald Clay Ericeira incluiu em sua pesquisa a torcida organizada portelense Guerreiros da Águia. Os Guerreiros da Águia ligavam-se à teia de relações do principal grupo pesquisado, o PortelaWeb. As atividades dos Guerreiros da Águia descritas por Ericeira lembram em alguns aspectos aquelas dos Gigantes. Confirmamos com Bruna Colares que alguns destes elementos das torcidas das escolas de samba cariocas são sim influenciadores no processo de organização dos Gigantes. Ela confessa que sempre acompanhou pela internet os Guerreiros da Águia. Há que se ressaltar que esta é uma influência recente. Os Gigantes nasceram mesmo do desejo pessoal de Célia Colares participar de alguma forma dos desfiles da Reino Unido da Liberdade.

Naquele tempo meu irmão carregava os carros tudinho num caminhão. E eu ia atrás com café, pão e levava pros meninos que iam empurrando. Num desses anos em um carnaval do dia 10 de março, telefonaram de Santarém (PA) dizendo que meu pai havia falecido. Aí acabou o carnaval pra gente né? Meu irmão terminou o serviço, mas nós não tivemos aquela empolgação de participar do carnaval. Eu resolvi assistir mesmo assim. Quando olhei foi aquela decepção. Reino Unido morto, sem aquela empolgação. Eu olhei assim e falei cadê a torcida da Reino Unido? (...) Aí eu resolvi fazer, mas fazer uma coisa bonita né? ²⁷

Atualmente Bruna admite buscar inspiração nas organizadas de futebol por influência de alguns de seus amigos também organizadores dos Gigantes. Alguns fazem parte de núcleos de torcida organizada de clubes cariocas em Manaus como a Raça Rubro Negra (Flamengo) e Força Jovem (Vasco). Outros tem participação ativa nas organizadas do futebol local como a torcida organizada Esquadrão Tricolor (Fast Clube) e Narraça (Nacional). Por outro lado, uma nova movimentação nos estádios de futebol com influência do futebol europeu e de países como Argentina e Uruguai suscitam um novo conceito estético entre as torcidas de futebol: são os chamados “movimentos populares” ou “barras”. Segundo Eduardo Lacerda Mourão, em sua etnografia do Movimento Popular Loucos Pelo Botafogo esta nova fase torcedora do futebol pelo país tem o “canto como foco”. Vemos, no entanto, que a produção visual dos grupos etnografados por Eduardo Mourão são tão

²⁶ ERICEIRA, Ronald Clay. *A reconstrução do passado da Portela na rede mundial de computadores e rodas de samba*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2009.

²⁷ Célia Colares, fundadora da Torcida Gigantes do Morro - 25/01/2015

importantes quanto o canto no objetivo maior destes grupos que é “investimento estético, afirmativa da torcida como protagonista do espetáculo”²⁸.

Fato é que inspirações fora do futebol e das escolas de samba cariocas não faltariam aos Gigantes do Morro. Os bois de Parintins mais uma vez aparecem também como fonte inspiradora e Célia não esconde que reserva até hoje suas energias para apoiar seu Boi Caprichoso na galera azul do festival em junho.

Os Gigantes do Morro se aproximam ainda mais destas festas quando tomamos a dimensão ritual da rivalidade entre as agremiações nas festas citadas e entre as escolas de samba em Manaus. A rivalidade é celebrada através das galeras nos dias antecedentes ao festival de Parintins em símbolos, músicas e especialmente na elaboração discursiva. Mesmo sem julgamento notamos a preocupação em fazer a maior e melhor festa nas arquibancadas do sambódromo e assim superar suas rivais:

Não vai te prestar a fazer uma coisa pela metade. (...)São coisas que eu gosto de fazer: é não entregar bandeira antes da Aparecida. (...)Essa rivalidade eu acho é gostoso porque eu quero fazer é o mais bonito para minha escola só para dar inveja nelas. Agora elas morreram. Antigamente era a Aparecida. Agora vai ver a torcida da Aparecida. Vê se tu compara igual a nossa? Hoje a maior rival nem tem. A maior rival assim entre aspas é A Grande Família que ocupa a ferradura, a maior arquibancada, mas aquela coisa que eles tinham de fazer, de bandeira já está morrendo. Igual foi com a Aparecida. A gente deu prova nessa chuvada que teve. Cadê as outras torcidas, das outras escolas? Ficaram tudinho embaixo da arquibancada. (...)
Eu tenho pena é da Sem Compromisso que a arquibancada deles é em frente à nossa. Eles quase não têm nada. Já falei que qualquer dia faço uma torcida para eles.”²⁹

No mesmo depoimento, dona Célia conta outras histórias que evidenciam esta rivalidade como na ocasião em que tentou expandir o espaço da torcida da Reino Unido indo para a arquibancada F ocupada pela torcida da Vitória Régia. Ela e alguns amigos precisaram de escolta policial para sair da arquibancada F. Ou mesmo do carnaval de 2011 em que o então governador do Amazonas Omar Aziz, patrono da Mocidade de Aparecida, pediu com gestos que os Gigantes aplaudissem sua escola. Um dos torcedores respondeu com improperios e um gestual mais agressivo que foi considerado desacato à autoridade. O desfecho foi um enfrentamento entre alguns dos membros dos Gigantes e policiais militares que foram buscar o exaltado torcedor. Há ainda fábulas que denotam a importância dos

²⁸ MOURÃO, Eduardo Lacerda. *Porque a nossa é uma torcida diferente: uma etnografia do Movimento popular Loucos pelo Botafogo*. Dissertação de Mestrado apresentada Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012.

²⁹ Célia Colares, fundadora da Torcida Gigantes do Morro - 25/01/2015

Gigantes para a escola como aquela contada por Ivan de Oliveira, diretor de carnaval da Reino Unido no carnaval 2015, sobre o carnaval de 2012 em que uma escultura de Dom Bosco, enredo da escola, quebrou durante o desfile “mas com a cabeça pendendo exatamente para a arquibancada G de Gigantes”, como narrando uma providência divina.

Todos os anos o ritual de preparação de uma grande festa para receber a Reino Unido na avenida se repetem. Independentemente de sua idade e contrariando as recomendações de repouso dos familiares e médicos, Dona Célia já começa a pensar no carnaval meses antes do dia do desfile. Recolhe entre os moradores do bairro ripas de madeira que receberão tecido nas cores verde e branco para a confecção de bandeirolas distribuídas entre o público da arquibancada G. A cada carnaval muitas destas bandeirolas se predem ou se desgastam. Dona Célia faz questão de confeccionar boa parte das 15 mil bandeiras distribuídas. Da mesma forma, Bruna dedica boa parte do seu tempo à organização de eventos, mobilização de componentes, manutenção e criação de faixas e bandeiras da torcida. A festa dos Gigantes tem grande porte e geralmente demandam um grande orçamento, portanto, são necessários meios para viabilizar estes gastos com a venda de camisetas, adesivos entre outros nos eventos da escola. No dia a torcida tem que esbanjar brilho com fogos de artifício iluminados. Formam mosaicos nas cores da escola. Bandeiras, faixas de incentivo e outros são utilizados como forma de incentivo aos desfilantes. Tudo para a torcida ser a maior e promover a melhor festa contagiando assim os desfilantes.

Atualmente, os Gigantes têm atuação ainda mais marcante nos rumos da escola. Foi através de Bruna que os Gigantes ganharam espaço nas redes sociais, vendem camisetas que financiam as ações no dia do desfile e isso levou a ser convidada para a diretoria de comunicação da Reino Unido da Liberdade. “Esse ano eu entrei na diretoria então as ideias que eu tinha para a Gigantes a gente está adaptando para a escola. E dentro da escola a gente coloca coisas para a Gigantes como por exemplo esse ano o aplicativo para o celular.”³⁰

Outra ação da Gigantes do Morro é a carreata para propagar a proximidade do dia de desfile e o samba da Reino Unido da Liberdade pela cidade. A carreata tornou-se um evento do calendário oficial da escola, antecede em uma semana a realização dos desfiles. Atravessa diferentes bairros da zona sul de Manaus saindo de frente da quadra com término no sambódromo. Por lá, os Gigantes desfraldam suas bandeiras tal como nos ensaios de rua, ensaios técnicos no sambódromo e nos desfiles. Servem ainda de elo de negociação com os donos de carros equipados com aparelhagens de som comuns a sociabilidade jovem das

³⁰ Bruna Colares, diretora de comunicação da Reino Unido e liderança da Gigantes do Morro – 25/01/2015

periferias de Manaus. Tal fato é importante pois garante que as aparelhagens de som que potencialmente atrapalhariam um ensaio ou evento da escola estejam desligadas ou mobilizadas com o samba da Reino Unido da Liberdade.

A escola retribui com reconhecimento aos Gigantes do Morro. Nos ensaios realizados nas ruas do bairro onde está sediada, a passagem em frente à casa de Dona Célia simula a passagem em frente ao setor G do sambódromo. E quando na pista de desfiles essa passagem tem uma celebração especial. Mesmo quando não é demarcada por uma posição de julgamento na pista de desfiles, a arquibancada G assiste uma apresentação especial da bateria da escola com alguma “paradinha” marcante que empolga a torcida.

Pensando sobre rivalidade e sociabilidade nas torcidas organizadas do Caprichoso e Reino Unido

Podemos pensar a partir de agora que tipo de consonâncias e dissonâncias são articuladas pelas etnografias das torcidas que compõem a galera do Caprichoso e a torcida Gigantes do Morro. Temos que frisar em primeiro lugar, tratarmos aqui de fenômenos com diferentes induções não apenas por suas naturezas festivas, mas também por suas razões competitivas. O fato da galera do Caprichoso institucionalizar as torcidas como elementos organizativos de um dos itens determinantes na vitória da agremiação folclórica, ou bumbás é significativo. Por outro lado, temos os Gigantes cientes de um determinado papel no desempenho da escola de samba dentro da avenida e a competição como elemento determinante da organização e estruturação das escolas de samba na cidade ³¹.

A chamada “galera”, o grupo de milhares de espectadores que ocupam espaços nas arquibancadas dos bois de Parintins é item julgado na competição e para sobrepor o adversário os grupos lançam mão de todos os artifícios visuais e performáticos que uma torcida organizada de futebol lança mão. A sociabilidade jovem aparece como outro elemento que as ligam as organizadas do futebol³². O modelo de organização e participação das galeras dos bois em Parintins foi adaptado e utilizado em outras festas amazônicas como

³¹ Reiterado por vasta bibliografia relacionada as escolas de samba aos quais destaco: LEOPOLDI, José Sávio. *Escolas de samba, ritual e sociedade*. Rio de Janeiro, UFRJ. 2010.

FERREIRA, Felipe. *O Livro de Ouro do Carnaval Brasileiro*. Rio de Janeiro, Ediouro. 2004.

CAVALCANTI, Maria Laura. *Carnaval Carioca: Dos bastidores ao desfile*. Rio de Janeiro, UFRJ. 2006.

³² TOLEDO, Luiz Henrique de. "A Cidade das Torcidas: Representações do Espaço Urbano entre os Torcedores e as Torcidas de Futebol na Cidade de São Paulo". In: *Na Metrópole: textos de antropologia urbana*. José Guilherme C. Magnani & Lillian de Lucca Torres (orgs.). São Paulo: Edusp/Fapesp, 2008.

nas cirandas de Manacapuru (AM), nos botos do Sairé de Santarém (PA) ou mesmo nas tribos do “Festribal” de Juriti (PA)³³.

No caso das torcidas, pensando dentro da estrutura interna organizacional tanto da galera do boi quanto a arquibancada do sambódromo, elas se assumem seja como parte ou o espetáculo. E a reflexão através das torcidas organizadas de escolas de samba pode assim se ampliar para o processo em si de espetacularização das escolas de samba e dos Bumbás no Festival de Parintins, concluindo como Pimenta e Silva:

Pode-se afirmar que as TOES³⁴ ocupam, enquanto alternativa frente aos cenários político-econômicos e socioculturais que transformaram o universo das escolas de samba, bem como de reativação do papel na manutenção da identidade do sambista, um espaço de possibilidades de participação. Não se limitaram ao papel de coadjuvantes, uma vez que adquiriram a legitimidade dentro das escolas de samba. O argumento central desta proposta aponta para novos elementos de participação dos sambistas nas coisas das escolas de samba. Se por um lado ficou claro que a mudança nos meios de produção cultural nem sempre permite a simetria nas formas de acesso à cultura reproduzida, por outro lado, pode-se pensar que a “espetacularização” das escolas de samba não afasta por completo o sambista do mundo do samba. De modo otimista, esses espaços conjugam as possibilidades de pertencimento, de reconhecimento e de legitimidade.³⁵

Aqui temos certos paralelos que podem ser traçados entre a heterogeneidade das arquibancadas do futebol e as arenas festivas. Poderíamos pensar o papel desempenhado pela comunidade do Orkut na organização de parte da Galera do Boi caprichoso no ano de 2010. A comunidade do Orkut do Boi Caprichoso se situa em uma posição híbrida que pode ter sido a experimentada por chamados “Movimentos Populares” nas arquibancadas do futebol carioca³⁶. Tal como nos movimentos populares do futebol trata-se de grupo sem estatuto, sem institucionalização que se articula primordialmente na internet e nas arquibancadas do festival. Dessa forma se afastam das torcidas organizadas com sua estrutura orgânica. E nada impede que novos movimentos neste sentido venham a acontecer, ou seja, um núcleo organizativo deslocado das torcidas organizadas tradicionais.

Vemos ainda exemplos da competição agonística nos termos da antropologia clássica³⁷. A arquibancada do sambódromo ou do bumbódromo é o lugar onde

³³ NOGUEIRA, Wilson. *Festas Amazônicas: Boi-Bumbá, Ciranda e Sairé*. Manaus, Valer. 2008.

³⁴ Sigla utilizada pelos autores para Torcidas organizadas de escolas de samba.

³⁵ PIMENTA, Carlos Alberto; SILVA, Geraldo Camilo. Reflexão sobre as torcidas organizadas no samba e a espetacularização do carnaval carioca. Op.cit., p.335.

³⁶ MOURÃO, Eduardo Lacerda. *Porque a nossa é uma torcida diferente: uma etnografia do Movimento popular Loucos pelo Botafogo*. Op.cit.

³⁷ MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva*. Lisboa, Edições 70. 2001.

se dispndia o máximo de reservas, o máximo em energia e performaticamente ser melhor que o outro em todos os âmbitos, dentro ou fora da pista de desfile.

A mobilização em torno de uma rivalidade simbólica. O que mobiliza a rivalidade nos dois casos: a escola de samba e o boi. Há toda uma tradição que mobiliza as agremiações folclóricas ou carnavalescas ligadas ao elemento competitivo. No caso do Boi Caprichoso a rivalidade é mais explícita posto que o rival é o seu contrário, o Boi Garantido, o único competidor pelo título do melhor bumbá de Parintins. Já no caso da Reino Unido a rivalidade fica diluída e esparsa na história dos desfiles das escolas de samba. Se em um determinado carnaval ou uma série determinada de carnavais a rivalidade é direta com a Mocidade Independente de Parecida, por exemplo, em outros a disputa pelo título envolve a Vitória Régia ou A Grande Família – escola da zona leste de Manaus. A rivalidade pode ainda agregar elementos relacionados a circulação na cidade como um bairro vizinho ou uma região distante da cidade.

Poderíamos pensar nas torcidas organizadas que viraram escolas de samba como uma dimensão deste pertencimento espetacular e ampliar esta visão para o Festival de Parintins. Porém há ainda uma dimensão associativa por explorar. Quais seriam os limites e motivações envolvidos nestes movimentos? Há lugar ainda para outras dimensões reflexivas que podemos agregar em outras direções? Deixo estas questões de forma aberta como convite a outros pesquisadores que venham a se debruçar sobre o tema.

Recebido em 22 de janeiro de 2020

Aceito em 23 de junho de 2020